

CORREIO ECONÔMICO

Divulgação Azul



Anúncio de acordo 'turbinou' ações de cia. aérea

Azul anuncia acordo com credores e ações disparam

O anúncio do fechamento de um acordo com arrendadores e fabricantes de equipamentos originais (OEMS) – englobando 92% das obrigações de emissão de ações existentes – fez com que as ações da Azul (AZUL4) disparassem 21,22% para R\$ 6,97, já na manhã da sessão desta terça-feira (8).

A informação teve repercussão altamente positiva no mercado, que já aguar-

dava uma solução breve para a dívida da aérea, hoje superior a US\$ 600 milhões.

A notícia serviu desfez os 'temores' do mercado, de que a Azul estaria se preparando para se submeter ao Chapter 11 nos EUA, mecanismo adotado por empresas em falência, semelhante à recuperação judicial no Brasil. A iniciativa foi logo desmentida pela companhia brasileira.

Acordo

Pelo acordo, os arrendadores e OEMs teriam concordado em eliminar sua participação pro-rata no salto atual de emissão de ações, totalizando a soma de R\$ 3 bilhões. Em troca disso, estes devem receber até 100 milhões em ações preferenciais da AZUL4 em emissão única.

Peça essencial

Para a Genial Investimentos, "o acordo é uma peça fundamental no esforço da Azul para fortalecer a geração de caixa e melhorar sua estrutura de capital, com alívio financeiro", embora admita que a 'diluição' de até 100 milhões de ações pode ter impacto nos atuais acionistas.

Marcelo Camargo - Agência Brasil



Aperto monetário pressionou atividade comercial

Vendas do varejo nacional registram recuo de 3,3%

Sinalização inequívoca que os juros mais altos estão pesando (e muito) no bolso do consumidor, as vendas do varejo nacional, em setembro último, recuaram 3,3%, no comparativo anual, aqui já descontada a inflação, aponta o ICVA (Índice Cielo de Varejo Ampliado), que leva em conta as vendas de 18 setores do

comércio, que correspondem a 870 mil varejistas credenciados. Um dos destaques do viés declinante foi a categoria de bens duráveis e semiduráveis, que baixou 4,5%, devido às retrações observadas no setor de vestuário e artigos esportivos e de bens não-duráveis, com quedas de 3,6% e de 2,9%, respectivamente.

Em alta

O Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IP-C-S) subiu 0,64%, na 1ª primeira quadrissemana de outubro, superior à alta de 0,63%, registrada em no último quarto de setembro, segundo a FGV. Com este resultado, o indicador acumula elevação de 4,74% em 12 meses.

Selic

Pior mês, desde novembro de 2022, o Ifix (Índice de referência dos fundos imobiliários) recuou 2,58% em setembro, no comparativo mensal, como reflexo do novo ciclo de alta Selic. Dos segmentos, o de fundos de shoppings é o que apurou a maior perda, ao 'despencar' 4,63%.

Eletricidade

Na 1ª leitura do mês, a FGV observou altas na variação quadrissemanal, em cinco das oito classes de despesas: alimentação (0,24%), Despesas Diversas (1,93%), Transportes (-0,25%), Habitação (1,75%) e Vestuário (-0,06%), com alta da eletricidade residencial (6,73%).

Perdas de 5%

Outro desempenho adverso do setor, com perdas próximas de 5%, sem contar as perdas apuradas pelos fundos 'tijolo' (imóveis físicos), os fundos de lajes corporativas registraram desvalorização de 4,58%, enquanto os galpões logísticos apresentaram baixa de 2,52%.

Produção industrial dá sinais claros de retração em agosto

Segundo PIM Regional (IBGE), só cinco de 15 locais exibiram expansão

José Fernando Ogura - AEN

Por Marcello Sigwalt

Em consequência da estabilidade da produção industrial brasileira, que subiu 'módico' 0,1%, na passagem de julho a agosto, marcando um viés de estabilidade, o setor atesta ter 'sentido o golpe' do aperto dos juros em curso, que encarece as condições de financiamento e a aquisições de matérias-primas pelos industriais.

Prova disso é que dos 15 locais cobertos pela Pesquisa Industrial Mensal (PIM) Regional, elaborada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em agosto, somente cinco apresentaram avanço, com os dez restantes recuando. Já no comparativo anual (agosto 2024/agosto 2023), a indústria exibiu crescimento de 2,2% e taxas positivas em 12 dos 18 locais pesquisados.

Considerando o período acumulado nos últimos 12 meses, a expansão chega a 2,4%, com avanço em 17 dos 18 locais pesquisados e alta acumulada



Produção da indústria dá sinais de ter perdido 'tração', nos últimos meses

no ano de 3%, com crescimento em 16 dos 18 locais pesquisados. Além disso, tais resultados colocam a indústria 1,5% acima do nível pré-pandemia.

De acordo com o analista da PIM Regional, Bernardo Almeida, "o comportamento positivo da produção industrial em agosto acontece após resul-

tado negativo em julho (-1,4%). Foi um desempenho positivo, mesmo sendo uma variação reduzida, bem próxima da estabilidade. A melhora no mercado de trabalho, com queda na taxa de desemprego, e o aumento do rendimento médio, elevando o poder de compra das famílias, contribuíram para os números

da indústria em agosto. No entanto, fatores como a alta taxa de juros reduzem os efeitos positivos do bom momento do mercado de trabalho. Houve ainda um espalhamento de atividades no campo negativo, o que serve de alerta em relação à atividade industrial nos próximos meses".

Indústria cearense é o maior destaque

Primeiro lugar em influência no indicador geral e destaque de agosto, em termos absolutos, a indústria cearense subiu 2,7%, consolidando o terceiro avanço consecutivo e acumulando um ganho de 6,2%, com destaque para a expansão dos segmentos de artefatos do couro, artigos para viagem e calçados, e de produtos químicos.

Em segundo lugar no ranking regional, Minas Gerais elevou em 1,8% sua produção industrial (1,8%), o que corres-

ponde a um ganho acumulado de 9,2%, em três seguidos. "Os setores extrativo e de produtos químicos foram os maiores responsáveis pelo resultado positivo da indústria mineira", comentou Bernardo.

Em contraponto, coube a São Paulo a maior influência negativa no resultado global da indústria nacional, ao recuar 1,0%, na passagem de julho para agosto, o que representa a segunda taxa negativa seguida da indústria paulista, com

perda acumulada de 2,4%. "Os setores de derivados do petróleo; e máquinas, aparelhos e materiais elétricos foram os que mais influenciaram a dinâmica da indústria do estado. Esse resultado deixa a indústria paulista 0,6% acima do seu patamar pré-pandemia e 22,1% abaixo do seu nível mais alto, alcançado em março de 2011", observa o analista.

No lado das quedas, Pará (-3,5%), Paraná (-3,5%) e Rio Grande do Sul (-3,0%) registra-

ram as taxas mais expressivas. Almeida lembra que "a queda da indústria no Paraná vem após dois meses de crescimento na produção, quando teve um ganho acumulado de 7,7%. Os setores de derivados do petróleo e de alimentos foram os principais influenciadores.

No caso do Rio Grande do Sul, que vinha com um ganho de 36,4% nos últimos dois meses, destaque para celulose, papel e produtos de papel e de produtos do fumo.

Galípolo: "Regular bets não cabe ao BC"

Lula Marques - Agência Brasil



Antes de assumir BC, indicado já se esquiva de polêmica

Indicado para a presidência do Banco Central, Gabriel Galípolo admitiu nesta terça-feira (8) desconfiar inicial com os dados obtidos em estudo técnico da instituição sobre o mercado de bets no Brasil e disse que a regulação do setor não é papel da autoridade monetária.

Segundo ele, os números alarmantes se confirmaram e cabe ao BC analisar o impacto das apostas esportivas sobre a atividade econômica e a inflação.

"Eu confesso aqui que, nas primeiras reuniões, quando os números me foram apresentados, eu tive uma grande desconfiar. A cada reunião, aqueles números iam se confirmando até chegar no montante que ficou público no estudo que o Banco Central fez", afirmou Galípolo durante sabatina no Senado.

A nota divulgada pela autoridade monetária mostrou que

beneficiários do Bolsa Família transferiram R\$ 3 bilhões via Pix em agosto para empresas de apostas esportivas.

"Mas, sempre reforçando aqui, o Banco Central não tem qualquer atribuição sobre a regulação de jogos e apostas, a nossa função é muito mais

tentar entender qual é o impacto disso em consumo, endividamento das famílias, como a gente consegue explicar a relação entre atividade econômica, despesas e o impacto na inflação", acrescentou.

Galípolo passa por sabatina na CAE (Comissão de Assun-

tos Econômicos) do Senado Federal. Essa é a primeira votação para o comando do BC desde que a autonomia da autoridade monetária entrou em vigor, em 2021.

O estudo do BC deixou lacunas e provocou reações de executivos do setor. As empresas apontam que a análise técnica não levou em conta o valor devolvido em prêmios. Segundo uma análise contratada pelo setor de apostas, as pessoas contempladas pelo Bolsa Família gastaram, na verdade, R\$ 210 milhões com bets em agosto.

O levantamento das bets considera o valor enviado à plataforma, o dinheiro que retorna ao jogador e o que fica retido pela empresa –tanto as taxas quanto os depósitos deixados pelo jogador para futuras apostas. O tema levou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) a convocar uma reunião ministerial no Palácio do Planalto.

Aprovação ratifica baixa de futuros

Os juros futuros deram sequência ao ajuste em baixa iniciado ontem numa sessão de agenda esvaziada tanto no Brasil quanto no exterior, o que levou o mercado a con-

centrar as atenções na sabatina de Gabriel Galípolo, diretor de Política Monetária do Banco Central indicado para presidir a instituição a partir de 2025. O nome do economista foi aprovado por unanimidade na Comissão de

Assuntos Econômicos (CAE) do Senado e, no crivo do plenário, por 66 votos a 5.

Foto mostra imagem da B3.

A queda das taxas se deu mesmo com o avanço do dólar, em meio ao tombo das commodities. A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 caiu de 12,33% para 12,27% (mínima) e a do DI para janeiro de 2027, de 12,37% para 12,32%. A taxa do DI para janeiro de 2029 ce-

deu a 12,34%, de 12,39%.

A queda nos níveis de inclinação nesta terça-feira (8) reflete, em boa medida, a maior confiança do mercado de que o Banco Central não hesitará em endurecer a política monetária no curto prazo para trazer a inflação para a meta, o que em tese aumenta as chances de que no futuro haja espaço para um alívio da Selic, hoje em 10,75%.

Na sabatina, Gabriel Galípolo falou o que o mercado

queria ouvir para dissipar eventuais desconfiarças em torno de sua atuação geradas pelo fato de ter sido indicado pelo presidente Lula, crítico do atual nível da Selic. Ele reafirmou que ouviu do presidente a garantia da liberdade na tomada de decisões e que se um dia houver pressão do Palácio do Planalto sobre como coordenar a política monetária, terá coragem para conduzir a Selic de acordo com critérios técnicos.